

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo

(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo 2 [recurso eletrônico]
/ Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-017-9

DOI 10.22533/at.ed.179181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as Psicologias contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TOXICOMANIA COMO EFEITO PARADOXAL DO DISCURSO CAPITALISTA	
<i>Luma de Oliveira</i>	
<i>João Luiz Leitão Paravidini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819121	
CAPÍTULO 2	12
PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NO TRATAMENTO E RECUPERAÇÃO	
<i>Suzel Alves Goulart</i>	
<i>Cibele Alves Chapadeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819122	
CAPÍTULO 3	25
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ERA INFORMACIONAL	
<i>Pedro Cardoso Alves</i>	
<i>Ana Lúcia Galinkin</i>	
<i>José Carlos Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819123	
CAPÍTULO 4	44
A TEORIA PROSPECTIVA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS	
<i>Carolina Leão Giollo</i>	
<i>Ricardo de Queiroz Machado</i>	
<i>Edilei Rodrigues de Lames</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819124	
CAPÍTULO 5	61
ASSIMETRIAS NA APRENDIZAGEM VERIFICADAS NA AVALIAÇÃO DO PISA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA	
<i>Magner Miranda de Souza</i>	
<i>Cláudio Educado Resende Alves</i>	
<i>Maria Ignez Costa Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819125	
CAPÍTULO 6	76
REGRAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM TRABALHO EMOCIONAL E BURNOUT ENTRE TRABALHADORES EM SAÚDE	
<i>Rui Maia Diamantino</i>	
<i>Laila de Carvalho Vasconcelos</i>	
<i>Rosemilly Rafele Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819126	
CAPÍTULO 7	97
PSICOLOGIA CRÍTICA E ESTÁGIO EM POLÍTICAS PÚBLICAS – UM FAZERRESISTENTE	
<i>Giulia Ribeiro Limongi</i>	
<i>Kueyla de Andrade Bitencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819127	

CAPÍTULO 8 100

COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA E A EVASÃO ESCOLAR DA ADOLESCENTE-MÃE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE LADÁRIO-MS

Sandra Regina Rocha de Lima
Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini

DOI 10.22533/at.ed.1791819128

CAPÍTULO 9 124

O DESENVOLVIMENTO DO PODER DE AGIR EM PROFISSIONAIS DO PROGRAMA CONSULTÓRIO NA RUA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Daniel Rangel Curvo
Francinaldo Do Monte Pinto

DOI 10.22533/at.ed.1791819129

CAPÍTULO 10 139

PRODUÇÃO DE SAÚDE E PARTICIPAÇÃO COM USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

Luciana Vieira Caliman
Janaína Mariano César
Victoria Bragatto Rangel Pianca
Alana Araújo Corrêa Simões
Anita Nogueira Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.17918191210

CAPÍTULO 11 150

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS (AS) NA ATENÇÃO A PESSOAS COM IDEAÇÃO E/OU TENTATIVA DE SUICÍDIO

Priscila Moura
Maria Lucia Pereira
Flávia Sallum
Alessandra Viana

DOI 10.22533/at.ed.17918191211

CAPÍTULO 12 159

OFICINA PSICOSSOCIAL COMO PRÁTICA DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Claudenilde Lopes dos Santos
Gabriel William Lopes
Amailson Sandro de Barros

DOI 10.22533/at.ed.17918191212

CAPÍTULO 13 170

ADOLESCENTES ACOLHIDAS E SEUS AFETOS: O QUE TEMOS COM ISSO?

Laura Ferreira Lago
Eduardo Augusto Tomanik

DOI 10.22533/at.ed.17918191213

CAPÍTULO 14 181

O PROJETO AVANÇO DO JOVEM NA APRENDIZAGEM E A REALIDADE DOCENTE

Maicon Alves Garcia
Aldenor Batista da Silva Junior
Sonia da Cunha Urt

DOI 10.22533/at.ed.17918191214

CAPÍTULO 15..... 196

QUANDO TRABALHAR É BRINCAR JUNTO: RECORTES DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA CASA DOS CATAVENTOS

Ricardo André Cecchin

Rosemarie Gartner Tschiedel

DOI 10.22533/at.ed.17918191215

CAPÍTULO 16..... 212

O COLETIVO UERJ NAS SUAS MÚLTIPLAS REDES DE (RES)EXISTÊNCIA

Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo

Iaponira Oliveira dos Santos

Ana Carolina Areias Nicolau Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.17918191216

CAPÍTULO 17 224

SCHADENFREUDE E ESTEREÓTIPOS: OS LIMITES ENTRE ENDO E EXOGRUPOS

Ícaro Cerqueira

Marianne Cunha

Saulo Almeida

Vanessa Andrade

DOI 10.22533/at.ed.17918191217

SOBRE O ORGANIZADOR 232

CAPÍTULO 1

A TOXICOMANIA COMO EFEITO PARADOXAL DO DISCURSO CAPITALISTA

Luma de Oliveira

Especialista em Gestão de Redes de Atenção à Saúde pela ENSP/FIOCRUZ. Psicóloga no Centro de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas do Hospital de Clínicas da UFU (CAPS AD – HC/UFU). Mestranda em Psicologia no Instituto de Psicologia da UFU (IPUFU), linha Psicanálise e Cultura. Uberlândia, Minas Gerais.

João Luiz Leitão Paravidini

Doutor em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Associado do Instituto de Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, Minas Gerais.

RESUMO: Há na literatura diferentes termos para designar os sujeitos que fazem consumo problemático de substâncias: adictos, toxicômanos, dependentes químicos, farmacodependentes, entre outros. No entanto, esses termos parecem colocar o caráter problemático exclusivamente na substância em questão. Lembrando que o homem se relaciona com as drogas há mais de mil anos, defende-se aqui que o tóxico não é a droga, mas sim o lugar que ela ocupa na relação de um sujeito com outros. Essa dificuldade em encontrar um termo que dê conta da complexa relação entre sujeito/droga/outros parece representar

a dificuldade social de compreensão desse fenômeno e de saber o que fazer com isso. A exemplo tem-se a adoção de tentativas de erradicar relações de uso em pontos específicos do território, que parece ter efeitos opostos ao esperado, com criação de novos pontos de uso e manifestações de oposição do judiciário e de serviços de saúde. Pensando nisto e em discussões realizadas em um grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFU, propõe-se a reflexão sobre o quanto o fenômeno da toxicomania é ao mesmo tempo sintoma e efeito da atual política socioeconômica vigente no país. O sujeito toxicômano atende as demandas por um consumo insaciável, de busca por independência e de liberdade dos laços sociais. Mas se esse sujeito é efeito do modo de funcionamento capitalista e neoliberal, é um efeito paradoxal, já que escancara as falhas da busca por independência e coloca-se fora da lógica formal de produção proposta pela estrutura econômica vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Toxicomania; Discurso Capitalista; Psicanálise.

ABSTRACT: There are different terms in literature to designate people that do a problematic use of substances: addicts, drug addicts, chemical dependents, drug dependents, among others. However, these terms seem to place the problematic character

exclusively on the substance. Reminding that man has been involved with drugs for more than a thousand years, it is argued here that the toxic isn't the drug, but the place it occupies in human relationships. This difficulty to find a term that accounts the complex relation between subject/drug/others seems to represent the social difficulty of understand this phenomenon and to know what to do with it. One example is the adoption of attempts to eradicate the use at specific points in territory, which have opposite effects than expected, with creation of new points of use and opposition of groups like judiciary and health services. Thinking about this and with discussions in a research group of the Postgraduate Program in Psychology of UFU, it has proposed the reflection on how much the drug addiction phenomenon is at the same time symptom and effect of current socio-economic policy in force in Brazil. The drug addict meets the demands of an insatiable consumption, of search for independence and freedom of social relationships. However, if this subject is an effect of the capitalist and neoliberal mode of functioning, it is a paradoxical effect, since it show the flaws of the search for independence and places itself outside the formal logic of production proposed by the current economic structure.

KEYWORDS: Drug addiction; Capitalist Discourse; Psychoanalysis.

1 | INTRODUÇÃO

A lei nº 11.343/2006, que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (Sisnad), prescreve medidas para prevenção de uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas, estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico de drogas, define crimes e dá outras providências (Presidência da República, 2006). Por esta lei, consideram-se como drogas as substâncias capazes de causar dependência física ou psíquica, especificadas em lei ou relacionadas em listas atualizadas pelo Poder Executivo da União.

Essas substâncias costumam ser culturalmente chamadas de “drogas”, mas as nomenclaturas variam entre “substâncias tóxicas”, “substâncias psicoativas” (SPA), “tóxicos”, etc., refletindo em consequente dificuldade para designar sujeitos que fazem um consumo problemático dessas substâncias e havendo na bibliografia diferentes termos para referência a eles: adictos, toxicômanos, dependentes químicos, farmacodependentes, entre outros.

No entanto, esses termos parecem colocar o caráter problemático exclusivamente na substância, desconsiderando as variadas formas de subjetivação em relação a esse objeto de satisfação. E assim como para Le Poulichet (1990), a defesa realizada aqui é de que o tóxico não é a droga, e sim a relação do sujeito com essa substância e que lugar ela ocupa na relação do sujeito com o outro.

Considerando a escolha psicanalítica como método de investigação e operador das reflexões desse trabalho, ressalta-se que para além de qualquer nomenclatura, o

que se faz mais importante é o próprio sujeito do inconsciente, que se revela um a um. Assim, acredita-se que nenhum desses termos atende integralmente a complexidade do que envolve essa relação sujeito-substância-outro. Porém, pela facilidade que pode ser dada à compreensão do texto e pelo entendimento comum sobre os nomes, ao longo do artigo serão usados alguns dos termos e com maior frequência o referente à “toxicomania”, que encontra-se mais presente em textos psicanalíticos sobre o tema.

Dito isto, acredita-se ser pertinente uma breve consideração sobre a percepção social da droga e do usuário dela. Um usuário dependente da droga revela paradoxalmente o que há de mais insuportável na condição humana: revela a sujeira, a degradação e a possibilidade de satisfação por um gozo excludente, que reduz o outro a um nada. Entende-se aqui o gozo no sentido de uma tentativa inconsciente de recuperação de prazer ante o sofrimento, podendo ter como resultado o retorno da própria insatisfação. Em função dessa forma particular de funcionamento, o sujeito acaba transformando a sua possibilidade de laço com o outro em um laço com o objeto droga.

Em geral, esse sujeito escancara o desamparo humano e a incompletude por meio da repetição da busca pelo que parece ser a maior satisfação conseguida. Essa condição por vezes dispensa a inscrição do sujeito na linguagem, podendo movimentar-se e satisfazer-se por um corpo que fala, demanda, deseja, sente e repete. Assim, não é preciso que o sujeito diga para onde seu desejo se direciona ou tente obtê-lo por meio da relação com o outro.

A relação do sujeito com a droga no âmbito da dependência trata-se de uma revelação social paradoxal à medida que parece atender as exigências vigentes de consumo, de busca por independência e de liberdade das relações humanas e ao mesmo tempo se mostra fora de uma lógica de produção e de normas tidas como comum a todos.

2 | DISCUSSÃO TEÓRICA

Desde as obras de Freud no século XIX, fica evidente a importância de um analista levar em consideração a complexidade dos acontecimentos sociais de seu tempo, entendendo que o sujeito é sempre em relação a algo ou alguém.

Entendendo isso, pode-se dizer que Lacan também esteve atento ao seu tempo, desenvolvendo teorias baseadas na percepção de mudanças na cultura ocidental a partir de 1968. Exemplo disso é sua teoria sobre os “quatro discursos”, em uma concepção de discurso como laço social.

Em 1969, Lacan propõe quatro lugares discursivos dentro de um matema ligados por vetores de conexão que marcavam a necessidade ou a impossibilidade de encontro desses lugares. Os lugares são ocupados por um “agente”, um “outro”, a “produção” e a “verdade”, resultando em quatro discursos que partiam de uma fórmula matriz

do primeiro deles, o discurso do mestre, alternando-se entre discurso universitário, discurso do analista e discurso da histérica. (BRAUNSTEIN, 2010).

Esse laço social marcado pelo discurso em Lacan (1969-1970/1992) apresenta uma vertente dos destinos dados às relações de poder e ao que ele chama de gozo, que remete à busca por uma satisfação pulsional que pode retornar como um fracasso dessa mesma satisfação e a uma dificuldade de representação simbólica.

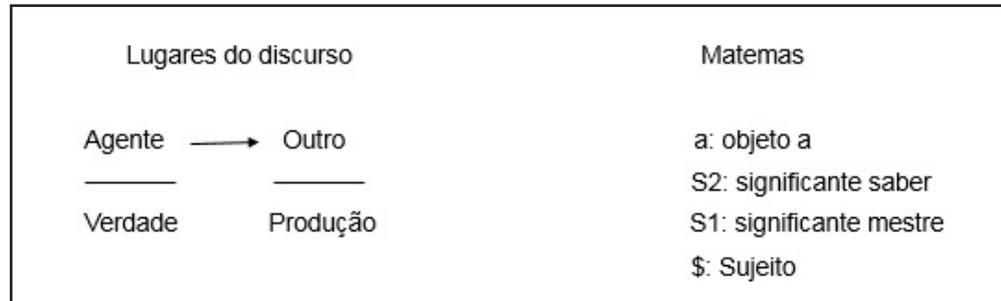


Figura 1 – Estrutura dos discursos

Fonte: Lacan, 1969-1970/1992.

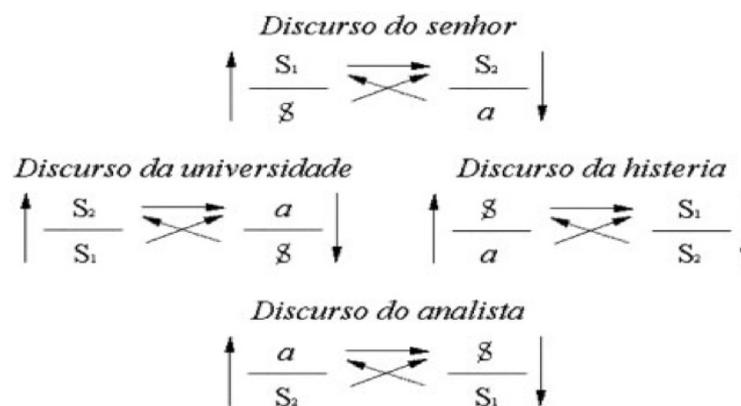


Figura 2 – Formalização dos quatro discursos

Fonte: Castro, 2012.

Lacan (1969-1970/1992) formula a noção de mestre pensando na relação de sujeitos dotados de direitos e deveres e obedientes a uma figura de saber soberano. Mas com o processo de industrialização da sociedade ocidental, o aumento do consumo e incentivo ao fetiche das mercadorias, vem surgindo o que se poderia pensar como uma figura de um *mestre moderno*, que conforme Braunstein (2010) incita uma satisfação imediata e direta de demandas, atravessando linhas de fronteira da lei. Com essa mudança, um novo discurso teria emergido nesse contexto em meados do século XVIII, anunciado por Lacan (1971-1972) como o *discurso capitalista*.

Apesar da ideia de novo, pode-se dizer que esse “novo discurso” trata-se mais de uma nova forma de organização do discurso do mestre com uma inversão de lugares entre o agente e a verdade, atendendo à nova forma de se relacionar na civilização, cada vez mais movida pela crença na ciência e em suas promessas de respostas

universais.

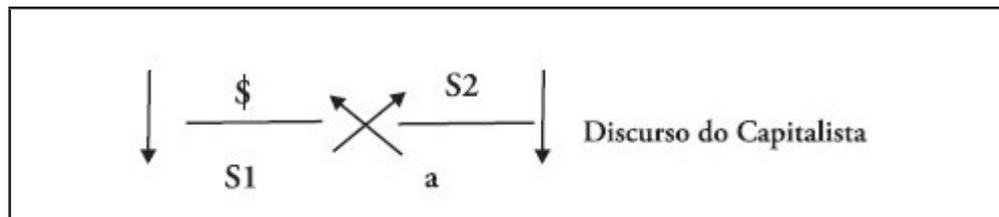


Figura 3 – Nova organização discursiva, o Discurso do Capitalista.

Fonte: Lacan, 1971-1972.

Ao longo de sua produção, Lacan vai se interessando então pelas novas formas de inserção social do homem diante do advento da ciência moderna, que implica em novas formas de subjetivação e numa racionalização total dos fatos e dos sentidos. Este fenômeno produz explicações generalizadas para as dúvidas dos sujeitos que aqui podem ser entendidos como os “sujeitos cartesianos”, marcados pela experiência do pensar.

Se há um universal que atende e responde a todos, o que fazer com a diferença então? Daí despertam-se reflexões no próprio autor e em alguns outros sobre o destino dado a isso. Soler (1998) nesse sentido traz a segregação como uma forma da civilização moderna e científica impor uma universalização de respostas aos sujeitos e de suprimir diferenças que surjam. No entanto, afirma (1998) que segregação nem sempre está associada a algo negativo, podendo ocorrer de forma voluntária por determinados grupos.

O sujeito comum, “cidadão de bem”, trabalhador que atende a lógica econômica vigente de produção e consumo funciona dentro da lógica do discurso capitalista e pode voluntariamente segregar-se de grupos que não se adequem a ela. Mas aos que respondem fora desse funcionamento em arranjos particulares como no caso de um sujeito toxicômano parece que só é oferecida a alternativa da segregação involuntária. A segregação é o que se tem a oferecer à mínima diferença. Essa lógica parece excluir o que há de singular em cada um.

Sustentando essa ideia, Brousse (2002) afirma que o discurso do mestre moderno, ou do capitalista, é um saber que ordena juridicamente o gozo e que ao fazer isso faz desaparecer a singularidade. “Em todos os *Mc Donald's* do mundo tanto o hambúrguer quanto o sorriso daquele que o vende são os mesmos. Ou pelo menos fazem de tudo para serem o mesmo.” (BROUSSE, 2002, p.45).

A autora (2002), remetendo a um curso de Miller (2001/2002), apresenta mais uma forma de escrita desse novo discurso, pensando o S1 como a globalização dos mercados, o S2 como o modo de saber correspondente a essa globalização representado pelo termo “procedimento”, no lugar do sujeito barrado (\$) o termo “redes” (moduláveis e flutuantes) e “campos de concentração” ocupando o lugar de *a*, lugar do gozo. Brousse (2002) cria esse novo arranjo remetendo à lógica de produção

desenfreada cada vez mais valorizada em nossa cultura, de maneira que a maior parte de empresas e instituições produz manuais de procedimento que regulam os comportamentos humanos e também organizam o tempo de pesquisas científicas. O campo de concentração diz respeito ao modo atualmente predominante de gozo: a segregação.

Sendo assim, a proposta de representação da autora (2002) seria algo como:

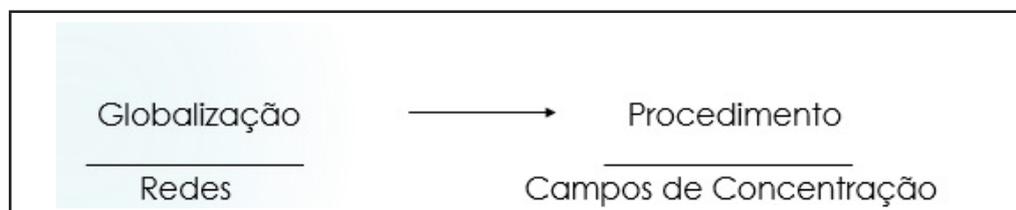


Figura 4 – Discurso do mestre moderno.

Fonte: Brousse, 2002.

Já entre 1912 e 1930, em *Totem e Tabu* e *O Mal-estar na Civilização*, Freud diagnosticou o mal-estar e formas de exclusão resultantes da imersão dos sujeitos na cultura e em grupos. A partir daí, Lacan (1969-1970/1992) e Askofaré (2009) fazem algumas articulações sobre os fenômenos trazendo um princípio de segregação social situado em todo discurso e reforçado pela ciência moderna.

Askofaré (2009) diz que o tema da segregação surge no entrecruzamento de três problemáticas, dentre elas a do laço social e o político. Assim, sobre esse princípio se inscreve a noção de segregação como efeito e como prática. Como articulado por Lacan (1992) e Soler (1998) sobre os efeitos do discurso da ciência moderna, percebe-se que na cultura contemporânea, esse discurso visa universalizar o gozo, indicando que todos têm o mesmo acesso a ele.

Pensando no que há de mais horrível em nós despertado pelo encontro com o toxicômano como previamente pincelado, retoma-se esse sujeito no intuito de articular sua inserção na civilização contemporânea atravessada pela por essa lógica científica do saber. Se é difícil nomear um sujeito nessa condição, o que se dirá de pensar no destino dado a ele, que frequentemente aparece mais como um sujeito sem lugar.

Não é de hoje que se ouve e presencia-se em reuniões dos setores de saúde, na mídia e em outros contextos, práticas de tentativas de erradicação do uso de substâncias psicoativas de forma invasiva e violenta, com ações policiais, água sendo jogada em usuários, internações compulsórias sendo defendidas por diferentes grupos sociais como única ou melhor alternativa de tratamento, medicalização dessa condição e um “tem que trabalhar para não cair nessa situação”.

O curioso disso é que diversos grupos têm apresentado essas “soluções” a partir de um saber muitas vezes dado como verdade mas que tem resultado em efeitos contrários ao esperado. Onde desarticula-se pontos de uso formam-se novos, sujeitos que são internados à força fogem, alguns que conseguem entrar no mercado de

trabalho formal gastam o seu dinheiro com o consumo da “droga” e tudo isso desagrade a expectativa social.

Outra coisa interessante a se pensar a esse respeito é o ideal de liberdade presente na sociedade atravessada pela lógica neoliberal, marcada pela lógica dos mercados. Pode-se dizer que o sujeito toxicômano é o paradoxal retrato dessa sociedade, que parece ser livre, gozar da exclusão dos laços sociais e ao mesmo tempo se colocar em condição de miséria de uma repetição desenfreada por busca desse gozo, que retorna em forma de sofrimento.

Ribeiro (2003) traz a gênese do ideal moderno de liberdade apontando uma diferenciação básica entre a concepção desse fenômeno para os gregos antigos e para os modernos. Para os antigos, a liberdade envolvia a partilha do poder social de forma igualitária entre todos os cidadãos de uma mesma pátria. Já para os modernos, a liberdade está mais relacionada a poder fazer as coisas conforme a vontade de cada um, se aproximando aí do individualismo que funda a chamada cultura do narcisismo em nossa sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a dependência química pode ser entendida como uma tentativa de realizar este ideal narcísico de autossuficiência, excluindo o outro como parceiro possível de gozo. Afinal, reconhecer que o objeto de nosso desejo é outro desejo, ou o desejo do Outro, seria a própria negação da liberdade. Mas o toxicômano escancara o fracasso desse modo de funcionamento, já que nessa tentativa de dominar o objeto do desejo, a independência acaba sempre sendo efêmera, sucedendo-a alguma forma de dependência (Ribeiro, 2003).

Outro fator que reforça o fracasso dessa tentativa de independência total das relações, é que

se existe algo que garanta a coesão social, algo que possa ser chamado de “laço fundamental”, este algo são as relações de dependência enquanto expressões de uma reciprocidade permanente, e necessária, para a maioria dos membros de um grupo. Trata-se, portanto, de uma dependência estrutural e estruturante em relação ao Outro (universo simbólico) e aos outros (com os quais estabelecemos nossas trocas). (RIBEIRO, 2003, p. 14).

Assim, se o sujeito se funda na relação de dependência, pensar na total independência dos laços pode ser desesperador. Diante deste misto de dependência e independência, pode-se afirmar que o ideal de liberdade tido pela maioria, impõe ao sujeito uma árdua tarefa, a de ser livre e ao mesmo tempo se fazer valer socialmente. Ou seja, ser independente, mas buscar reconhecimento social que testemunhe seu valor, mostrando que levar a sério a concepção de que viver conforme a própria vontade em detrimento das normas sociais, é uma tentativa ingênua de liberdade e não sem consequências.

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930) traz esse paradoxo de liberdade quando retrata o sofrimento e o sentimento de culpa que permeiam a necessidade de

ajustamento do sujeito às relações com os outros na sociedade e na constituição da cultura. Não sabendo como satisfazer as demandas pulsionais sem entrar em conflito com a moral e a repressão social, o sujeito se vê coagido, não podendo gozar como se quer com os objetos que lhe satisfazem. Isso vai de encontro àquela ideia de que o toxicômano revela uma dupla faceta social do que se quer e do que se abomina, ficando clara a dificuldade de dar um lugar a esse sujeito.

Pensando no lugar social destinado ao toxicômano, Macrae e Simões (2000) chamam a atenção para a contribuição da imprensa a partir dos anos 50, que enfatizava um “desvio de caráter” como característica atribuída a pessoas usuárias de maconha, por exemplo. Os autores (2000) dizem que a mídia teve mais influência que as pesquisas científicas da época ao instruir como as novas gerações deveriam se comportar sobre o assunto, marcando um distanciamento desses sujeitos e a redução de quem tem problemas decorrentes do uso de alguma substância a “bêbados”, “drogados”, “noiados”, “vagabundos”, etc., impedindo que para além desses papéis, eles pudessem ocupar os de homens, mulheres, pais, mães, trabalhadores, entre tantos outros.

Assim, ressalta-se que o discurso da ciência não concebe a segregação, mas ele e o sujeito moderno que lhe corresponde iniciam fundamentalmente uma prática da segregação. A ênfase está então tanto sobre o fenômeno da segregação quanto sobre o caráter organizado, combinado e mesmo racional que esse pode ter (ASKOFARÉ, 2009).

Essa lógica desagregadora apresenta-se em instituições que se dizem de cuidados e em práticas profissionais com pouco espaço para reflexões e para ações em direção ao singular. Exemplos disso são as práticas e os lugares historicamente destinados àqueles que exacerbam as diferenças e são identificados como loucos, criminosos, infratores, débeis e idosos, por exemplo.

Prisão, manicômio, internação compulsória, prescrição psiquiátrica indiscriminada, asilo e trabalho formal, por exemplo, são imediatas respostas generalizadas para algo do humano que parece escapar a essa prontidão.

Nota-se que a oferta desses lugares frequentemente envolve a tentativa de anular a voz de estranhos sujeitos que não produzem como se espera. Desconsidera-se assim suas histórias e viola-se seus direitos enquanto cidadãos. E se a ciência moderna parece ter uma resposta para tudo e todos, falha ao não dar conta de abarcar o que cabe à subjetividade e aos afetos, fazendo-nos refletir sobre qual o lugar possível para isso.

3 | METODOLOGIA

Esse trabalho é fruto de reflexões despertadas durante o percurso dos autores em suas atuações profissionais e de encontros de um grupo de pesquisa composto por

estudantes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (PGPSI-UFU) matriculados na linha Psicanálise e Cultura e um docente orientador.

O grupo se reúne semanalmente, às terças-feiras de manhã, com o intuito de discutir os trabalhos em andamento pelos pesquisadores e novas indagações que surgem no decorrer deles, articulando teorias da psicanálise e de saberes complementares, bem como relatos de vivências profissionais aos fenômenos investigados.

Para investigar melhor as questões que envolvem a toxicomania sob a perspectiva psicanalítica, o grupo tem trabalhado com textos freudianos (1913/1930), com a conceitualização dos quatro discursos apresentados por Lacan (1969-1970/1992) como formas de organização dos laços sociais dos sujeitos (*discurso do mestre, discurso da histérica, discurso universitário e discurso do analista*), bem como com propostas pós lacanianas de autores como Soler(1998), Brousse(2002) e Braunstein (2009) que refletem sobre novas formas de organização dos sujeitos modernos e pós-modernos.

Dentre os diferentes temas de trabalho no grupo, o que se tem em comum entre todos é o atravessamento pelos eixos do laço social, o sofrimento psíquico e a psicanálise. A ideia é que a partir da investigação, das discussões e da construção do caso particular à pesquisa psicanalítica, possam ser produzidas escritas entendidas como “ensaios metapsicológicos”, como o presente trabalho.

Segundo Caon (1994), o ensaio metapsicológico alude a uma produção escrita que apresenta a experiência do pesquisador em sua investigação. Na prática pode ser entendido como a produção de um artigo, da dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado, mas que não significa que sua construção tenha encontrado um ponto final. Da defesa à produção de artigos, a pesquisa fica exposta a críticas e sugestões para que essa metapsicologia possa obter de fato uma contribuição do pesquisador.

Assim, podemos definir a construção do ensaio metapsicológico como uma refundação da experiência de análise, mas que ocorre em uma situação psicanalítica de pesquisa, onde o destino da transferência não é a liquidação, mas a sua instrumentalização. Há nela, como na experiência do divã, uma aprendizagem e o ensaio metapsicológico realiza o registro que a torna póstuma; ou seja, o pesquisador psicanalítico dá seu testemunho por escrito, o qual destina-se ao terreno da metapsicologia, onde poderá servir de referência a outras pesquisas e à gestão de novos problemas e hipóteses de pesquisa. (MOURA e NIKOS, 2000, p. 76).

Por fim, o objetivo deste trabalho é então divulgar as discussões em andamento do grupo sobre a temática do consumo problemático de drogas na sociedade atual e obter novas reflexões que possam contribuir com as práticas dos profissionais envolvidos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado pelas reflexões colocadas, a toxicomania é um complexo fenômeno social que atravessa diversos núcleos e pode estar presente em diferentes estruturas clínicas. Sendo assim, o processo de mudança de um toxicômano em relação a sua condição implica uma mudança de posição subjetiva muito além das soluções rápidas e materiais ofertadas por alguns setores da sociedade. Para isso é preciso uma aposta no sujeito e no que ele tem a dizer de seu sofrimento, que pode demonstrar inclusive uma necessidade de caminhar mais um pouco com o seu sintoma como uma forma particular de organização.

Alguns setores de saúde pública mais especializados em atender essa demanda como os Centros de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas (CAPS AD) parecem já desenvolver um trabalho nesse sentido, oferecendo espaço de escuta e partilha entre sujeitos nessa condição e permitindo que eles mesmos possam compreender sua relação com a droga e o que querem disso. Entende-se que esse é um caminho potente que dialoga com o trabalho analítico, percebendo, inclusive, que nem todos os sujeitos se dispõem a uma ressignificação dessa relação com a droga, e muitos fatores contribuem para isso.

Diante das reflexões levantadas até o momento, o grupo de pesquisa apresentado tem problematizado os impasses, os limites e as saídas que a Psicologia, e principalmente a Psicanálise, encontram diante dos fenômenos sociais e das políticas atualmente vigentes, não buscando objetivamente normatizar os sujeitos.

Sobre isso, Enriquez (1991) afirma que os “profissionais do psíquico” são seres marginais, que não se interessam pela lógica de produção social e nem pelo poder. O autor (1991) afirma que o que caracteriza um psicanalista é o fato de em caso dele ter o poder de algo, não se utilizar desse poder e nem decidir no lugar do outro, muito menos de querer adaptar o outro diretamente ao sistema social. Segundo o autor (1991), ser marginal é se interessar por aquilo que não interessa ao sistema social: a verdade e a autonomia do sujeito.

Nesse sentido, torna-se impossível generalizar o que envolve tal fenômeno e o que serve a cada sujeito, de maneira que isso só pode ser revelado numa verdadeira escuta ao *pathos* de cada um.

REFERÊNCIAS

ASKOFARÉ, S. Aspectos da segregação. (1999). Tradução: Ronaldo Manzi. **A peste**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 345-354, jul./dez. 2009.

BRAUNSTEIN, N. A. O Discurso Capitalista: Quinto Discurso? O Discurso dos Mercados (PST): Sexto Discurso? **A Peste**, São Paulo, v.2. n.1, p.143-165, jan./jun. 2010.

BROUSSE, M-H. A psicanálise no tempo dos “mercados comuns e dos processos de segregação”. **O inconsciente é a política. Seminário Internacional**. Carmen Silvia Cervalatti (org.). Escola Brasileira de Psicanálise – São Paulo. 1ª ed. Maio de 2003. São Paulo, SP.

CAON, J. L. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. **Psicologia: reflexão e crítica**, 7 (2), 145-174, 1994.

CASTRO, J. C. L. A histeria entre a clínica e o laço social. In: **Revista aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. VIII, n. 15, nov. 2012 a abr. 2013. Disponível em http://www.isepol.com/asephallus/numero_15/artigo_06.html. Acesso em: Ago. 2018.

ENRIQUEZ, E. O Trabalho de Morte nas Instituições. In: **A Instituição e as Instituições: Estudos Psicanalíticos**. KAES, R., BLEGER, J., ENRIQUEZ, E., FORNARI, F., FUSTIER, P., ROUSSILON, R., VIDAL, J. P. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991, 171 p.

FREUD, S. Totem e Tabu. In: **Obras Completas, Ed. Standard Brasileira**. 1913. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: **Obras Completas, Ed. Standard Brasileira**. 1930. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI

LACAN. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1969-70) 1992.

LACAN, J. **Le savoir du psychanalyste**. (1971-1972). Inédito.

LE POULICHET, S. **Toxicomanias y psicoanálisis: las narcosis del deseo**. Buenos Aires: Amorrortu. 1990.

MACRAE, E.; SIMÕES, J. A. **Rodas de Fumo: uso de maconha entre as camadas médias urbanas**. Salvador. Ed. Universidade Federal da Bahia, 2000.

MOURA, A.; NIKOS, I. Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XIII, n140/141, 69-76, 2000.

RIBEIRO, E. M. A toxicomania e os paradoxos da liberdade. A direção da cura nas toxicomanias. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre/ Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. - nº 24, 2003. Pp.7-17. Porto Alegre: APPOA, 1995.

SOLER, C. Sobre a segregação. **O brilho da infelicidade**. KALIMEROS – Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ. Lenita Bentes e Ronaldo Fabuão Gomes (Orgs.). Contra Capa Livraria, 1998. 272 p.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-017-9

